Mistérios e Segredos - Razão e Irracionalidade

Márcio de Jagun

O Candomblé, como todas as demais Religiões, possui seus mistérios e segredos, apenas conhecidos pelas suas autoridades.

As Revelações de Fátima e os Rituais Secretos da Maçonaria, são bons exemplos de que segredos ritualísticos e mistérios religiosos não são exclusividade afro-brasileira.

Provavelmente mais do que as outras Religiões, o Candomblé é revestido por muitos segredos. Uns, verdadeiramente importantes, por condensarem perigosos ebós e preceitos que podem tornar-se armas aos incautos e aos despreparados; e outros totalmente descabidos, frutos da ignorância humana.

Também os iniciados no Candomblé, a exemplo de outras religiões, fazem seu juramento de manter os segredos de awo (culto) - o kàro. O kàro consiste na promessa que os iniciados fazem diante do obì de não revelarem certos segredos. Tal palavra é oriunda do yorubá kà - contar, orò - obrigação. Sendo certo que tal jura deve limitar-se aos fundamentos que se passam na camarinha, ou em situações outras onde apenas devam estar presentes as autoridades e os próprios iniciados, não devendo ser a jura entendida de forma a extrapolar os limites físicos e religiosos de tais situações.

Obviamente, discernir estes limites e estabelecer as mencionadas situações, deve ser tarefa do bom-senso dos zeladores de Santo.

Por terem sido discriminados e até perseguidos e presos (sobretudo na década de 40 do século XX), os candomblecistas encontraram nos mistérios do culto e nos segredos, grandes aliados à integridade deles e da própria mantença da religião.

O local da realização dos cultos (em certas épocas até itinerante devido a proibição religiosa), era secreto. Os participantes, também não se revelavam na vida profana. Até mesmo os horários, não raro, eram confundidos, já que o uso dos atabaques às vezes era suspenso dado ao impedimento de realização dos xirês em determinadas localidades predominantemente residenciais. A liturgia também foi sofrendo adequações pinceladas pelo necessário mistério. Como revelar o sacrifício de animais, por exemplo, em suma sociedade que considerava o Candomblé culto demoníaco?

Por óbvio, os candomblecistas já não se identificariam mais por seus orukós (nome de seus Orixás dado quando da iniciação). Já não se tratariam por Omímolé, Obafodokuta, Iyewádelonan, etc. Pois tal chamamento os delataria e os exporia aos perigos da perseguição. A partir de então, o mistério e o segredo passaram a ocultar os orukós, até que foram, a pouco e pouco, atravessando os tempos, tornando-se proibidos, secretos, mesmo tendo se perdido a motivação (esta também ocultada).

Vemos aí um segredo de fato motivado e racional, perpetuado ao longo dos anos, tornando-se um mistério hoje já descabido e desprovido de qualquer fundamento religioso. Tanto assim o é, que muitas Casas nunca ocultaram o orukó, evocando grandes nomes como Odé Kayode (Mãe Estela, do Òpó Àfónjá de Salvador), Oba Biyí (Mãe Cantu, do Òpó Àfónjá do Rio de Janeiro), Fatumbi (Pierre Verger), e tantos outros. Há também Axés que vivem momentos de reafricanização, que estão voltando a chamar seus filhos pelos respectivos orunkós.

Este exemplo nos demonstra de maneira cabal, que os mistérios e os segredos se confundem com o culto, bem assim também são confusas as razões, as motivações que os mantém.

Outros "segredos" (estes até com aspas pelo tom irônico), não foram frutos de nenhuma razão, motivação ou fundamento religioso. Foram simples álibis para a ignorância, para a maldade, e/ou para a necessidade que alguns têm de manter o poder inerente ao conhecimento.

Todos estes motivos, outros também, às vezes todos juntos, são ocultados nas "respostas" às interrogações dos filhos de santo e dos consulentes... Ao invés de esclarecer-se a razão deste ou daquele preceito, ao invés de se ensinar, ao invés de se orientar, preferem dizer: "É muito cedo..."; ou "Isto não pode ser revelado"; ou "Sempre foi assim..."

Estes segredos irracionais, vale dizer, muitos deles categorizados como segredos nem se sabe bem porque, acabam por servir aos mal-intencionados, que dizem não poder revelar esclarecimentos aos "clientes", para deles poder esconder custos, maldades, manter-lhes dependentes, etc. Tais "segredos", quando confrontados pelos que foram lesados, enganados e usurpados de seu dinheiro e de sua fé, apenas contribuem para denegrir nossa Religião, prestando-se à função de cortina de fumaça para o engodo.

Repensar o conceito e a razão dos segredos, é tarefa necessária aos sacerdotes. Muitos deles, e de boa estirpe, levaram para o túmulo fundamentos jamais revelados, nem aos merecedores da responsabilidade. Órfãos da verdade, perde o culto, perde a Religião, perde a Cultura, perdemos nós...

Lembro-me de um conto que nos leva a meditar sobre o assunto:

Em certo dia de Páscoa, onde tradicionalmente as famílias se reúnem em torno da mesa para almoçarem peixe, surgiu uma dúvida quanto ao preparo da iguaria.

A menina, enfronhada na cozinha, assistia as matronas prepararem o almoço que a família repetia todos os anos, há muito tempo. Elas estavam prá lá e prá cá, separando os condimentos, partindo legumes, escolhendo as panelas, munidas daquela pretensão das boas cozinheiras, que as fazia agir com a rapidez e a decisão de quem sabe, de quem domina os afazeres.

Em determinado momento, a menina pergunta:

- Mãe, por que a senhora está partindo o peixe em sete pedaços?

E a mãe, sem muita paciência, dando de ombros:

- Ora, porque minha mãe, sua avó, me ensinou assim!

A garota, não satisfeita, foi direto à avó, que também estava na cozinha:

- Vó, por que tem que se partir o peixe em sete pedaços?

A avó, mais paciente, encheu o peito para esclarecer com ar professoral:

- Porque sempre fizemos assim...

- Mas, por que sempre fizeram assim?

- Porque fica melhor...

- E por que fica melhor o peixe partido em sete pedaços do que inteiro?

- A, porque pega melhor tempero - Disse a avó já se irritando com a insistência da neta.

- Mas vó, se ele partido pega mais tempero, por que não parte então em mais pedaços?

A avó, já empurrando a menina para longe da pia, respondeu sem paciência:

- Olha minha filha, eu faço este peixe todos os anos, desde que eu tinha sua idade, não venha você querer me ensinar!

- Mas, vó, eu só quero saber!...

- A, garota, foi minha mãe, sua bisavó quem me ensinou esta receita. Dá certo há mais de 40 anos! Quando você crescer, eu te ensino! Agora sai já daqui que eu vou mexer em panela quente, vai!

Desconsolada, a menina não se deu por satisfeita. Foi na varanda, procurar sua bisavó. A velhinha estava cochilando na cadeira de balanço, quando a menina começou a sacudi-la:

- Bisa, Bisa! Me diz por que o peixe da sua receita que é feito na Páscoa, tem que ser partido em sete pedaços?

A bisavó, esfregando os olhos, ainda se dando conta do que se passava, deu um sorriso aprovando a curiosidade da bisneta e respondeu no ato:

- Nunca ninguém tinha me perguntado isto! Foi porque quando inventei esta receita, eu não tinha nenhuma vasilha que coubesse o peixe inteiro... Só cabia em pedaços...

Eis aí a tradição mal explicada, virando mistério...

Na liturgia culinária, há razão para os nove acarajés de Oyá: afinal, é ela a mãe dos nove espaços siderais. Existe também motivo nas seis espigas servidas cruas para Odé, posto ser ele o senhor do Odu Obará, cujo número é seis. Também os doze quiabos enfeitando o amalá de Xangô, retratam os doze obás de Oyó...

Não quero dizer com isto, que no culto tudo deva ser revelado, assim de pronto... Mas reitero que devemos repensar, pesquisar, procurar os motivos, os fundamentos daquilo que fazemos.

O fato de nossa Religião Ter na tradição oral, durante muitos anos, o único veículo de registro e transmissão, originou certamente muitas distorções.

A dificuldade linguística dos escravos em traduzirem seu próprio idioma, fez com que muitas cantigas, orikis e itãs sejam dicotômicos uns com os outros e às vezes ininteligíveis.

Felizmente vivemos um momento especial, em que grandes figuras do Candomblé estão escrevendo e editando excelentes obras, as quais funcionam não só como registros de sua sabedoria, mas como arquivos que se prestarão a garantir que o Candomblé não se perca.

Magníficos pesquisadores têm se debruçado à tarefa de encontrar o fio da meada, tentando resgatar a origem, corrigir a pronúncia, acertar a gramática e adequar a tradução de cantos, rezas e mitos do Candomblé.

Tudo deve Ter sentido e todo sentido deve ser explicado, se não a todos, pelo menos aos graduados... O que não tem sentido, deve ser pesquisado, perguntado aos mais velhos... E se não tiver uma razão, temos que repensar, ou ao menos não usarmos os segredos e mistérios com intimidação para ocultar nossa ignorância diante dos preceitos.

A fé deve ser preservada e para bem, preservá-la, é fundamental explicá-la, racionalizá-la até o limite em que ela própria, a fé, se transformar em um mistério.

(*) Márcio de Jagun (seu nome de batismo é Márcio Righetti), nasceu no Rio de Janeiro, RJ. É advogado militante desde 1994 e professor de Direito Portuário nos Cursos de Pós-Graduação da Universidade Gama Filho e na UFRJ (COPPE-EAD). Márcio de Jagun foi iniciado no Candomblé há 27 anos pelas mãos do Babalorixá Josemar de Ogun, no Rio de Janeiro. Tem seu barracão de Candomblé há sete anos no Bairro de Pedra de Guaratiba, no Rio de Janeiro.